

FONTE : JB

CLASS. : 104

DATA : 05 04 81

PG. : 12

## Osmarino cobra coerência dos pesquisadores

BELÉM — Sucessor de Chico Mendes na luta pela preservação da Floresta Amazônica e na defesa dos interesses dos seringueiros do Acre, o sindicalista Osmarino Amâncio Rodrigues, presidente do Sindicato dos Seringueiros de Basiléia (AC) e secretário executivo do Conselho Nacional dos Seringueiros, foi uma surpresa no segundo dia do seminário nacional *Grandes Projetos, Desorganização e Reorganização do Espaço*, que se realiza no Hilton Belém. Ele bateu firme nos cientistas e instituições de pesquisa que se ocupam da questão amazônica, por se apropriarem dos conhecimentos dos índios e caboclos, mas reconheceu a importância e a necessidade de avaliação das diversidades regionais, desde que os resultados sejam revertidos em favor dos chamados povos da floresta.

“Os pesquisadores se apropriam do saber secular do índio, dos lavradores e do seringueiro com finalidades pessoais ou para servir aos interesses das empresas multinacionais. Elaboram suas teses, se tornam famosos e a situação não muda para os nativos”, disparou o sindicalista, acrescentando que a Universidade Brasileira não “é universal, apesar do nome”, e que só serve para armazenar pilhas de pesquisas inúteis para as populações do interior da floresta. “A gente vê a soja saindo para alimentar cães europeus e norte-americanos, enquanto a alimentação da nossa população não é sequer temperada com o óleo de soja”.

Osmarino participou do painel *Espaço, ecologia e atores sociais* e deveria conduzir sua palestra sobre o tema *Povos da floresta e outros atores frente ao debate ecologia/reforma agrária*. No entanto, depois de atacar frontalmente as pesquisas e os pesquisadores, passou a defendê-los como forma de encontrar uma solução definitiva para a região.

Para o presidente dos seringueiros do Acre, os debates que hoje se travam sobre a Amazônia são extemporâneos porque deveriam ter, em sua opinião, se iniciado junto com as primeiras pesquisas sobre a região. “Os povos da floresta eram monopolizados e todas as pesquisas científicas executadas sobre a região só serviram para produzir lucros absurdos para quem obteve o conhecimento. Os povos da floresta, entretanto, continuam na poeira, sem nunca ter tido oportunidade de opinar sobre o modelo de desenvolvimento pensado para a Amazônia. Nunca podemos dizer para quem os recursos naturais deveriam ser direcionados.”